



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS XIII
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

ALEGRIA, FOLIA!! E MICARETA... POR ONDE ANDAS?

IAÇU-BA: 1959-1990

GONÇALVES, Tatiane Pinheiro¹

RESUMO

O artigo pretende explorar como acontecia os ritos e ritmos, para a comemoração da mais importante festa profana da cidade de Iaçu, no interior do estado da Bahia localizada a 278 km de distância da sua capital Salvador durante a segunda metade do século XX. Assim, o período analisado vai da década de 1959-1990, período de surgimento, estruturação e fim. A Micareta de Iaçu configurou-se como uma festa cultural na promoção de compartilhamento e troca de ideias simbólicas, uma vez que essa garante a interação de diversidade cultural dos diversos participantes envolvidos nesse contexto. O momento de realização da festa aparece aqui como um ritual revelador de práticas sociais, carregado de tradições, sentimentos e identidades dos grupos participantes. A Micareta de Iaçu-Ba proporcionava um momento marcante para a comunidade, pois, naquele ambiente pairava um cenário bastante prazeroso à luz da diversão que só a festa podia promover. Entender como a Micareta acontecia, quais eram os grupos envolvidos e seus significados, configura-se objeto primordial desse trabalho.

Palavras-chave: Micareta, Festa, Iaçu, Diversidade.

ABSTRACT

The article intends to explore how the rites and rhythms happened, for the commemoration of the most important profane festival in the city of Iaçu, in the interior of the state of Bahia, located 278km away from its capital, Salvador, during the second half of the 20th century. Thus,

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Estado da Bahia UNEB-Campus XIII. E-mail: thatianepinho27@hotmail.com

the period analyzed goes from the decade of 1959-1990, period of emergence, structuring and end. Micareta de Iaçu was configured as a cultural festival promoting the sharing and exchange of symbolic ideas, as it guarantees the interaction of cultural diversity among the various participants involved in this context. The moment when the party is held appears here as a ritual that reveals social practices, carrying traditions, ideas, feelings and identities of the participating groups. Micareta de Iaçu-Ba provided a remarkable moment for the community, because in that environment there was a very pleasant scenario in light of the fun that only the party could promote. Understanding how Micareta happened, which were the groups involved and their meanings, is the primary objective of this work.

Keywords: Micareta, Party, Iaçu, Diversity.

INTRODUÇÃO

Através da pesquisa, podemos desenvolver uma análise sobre a tamanha importância de determinados eventos e festividades, principalmente as festividades de rua, que contribuíram para a promoção e construção de identidade cultural e social do indivíduo em seu aspecto geral.

As fontes usadas nesse trabalho, somam-se às as fontes orais e fotográficas. As memórias expressas nas falas dos entrevistados constituem a maior e principal fonte usada. As fontes orais não necessitam que documentos escritos que a sustentem, elas por si só, já são uma evidência. Em alguns casos, para certas realidades espaços, lugares e celebrações, a fonte oral se torna elemento essencial para elaboração do objeto de pesquisa. Nos momentos das entrevistas uma pausa demorada na fala, uma queixa sobre a vida, os sorrisos provocados por lembranças acrescentaram pulsação à pesquisa. Segundo Raphael Samuel (1989-90, p.231), —há tipos de pesquisas que apenas podem ser realizadas com a ajuda de uma testemunha viva, ou testemunhas, que, através de suas memórias expressas pela fala, podem contribuir para acrescentar à pesquisa outras nuances muitas vezes diferentes de outros tipos de fontes. O historiador lida com seres únicos, dessa forma acaba se deparando com diferentes versões de um determinado acontecimento. Cada indivíduo pode fornecer variadas histórias sobre o mesmo acontecimento.

A memória não está desassociada do indivíduo, mas passa por ele. Procurar semelhanças nas narrativas ou dados que confirmem as informações pode levar o historiador ao anacronismo. Quem sabe sejam nas diferenças, nas inconstâncias entre as impressões dos sujeitos que esteja aquilo que proporcionará um novo mundo de possibilidades à pesquisa.

O historiador que trabalha com narrativas orais Portelli (1997, p.22), orienta que, o ato de ouvir e estar disposto a mudar seus posicionamentos a partir dos indícios fornecidos pelas fontes é estar disposto a novas descobertas.

"(...)A arte essencial do historiador oral é ouvir (...) se ouvimos e mantivemos flexível nossa pauta de trabalho, a fim de incluir não só aquilo que acreditamos querer ouvir, mas também o que a outra pessoa considera importante dizer, nossas descobertas vão superar nossas respostas".

A priori, a pesquisa histórica requer do investigador uma análise minuciosa de documentos sejam eles quais forem. As interrogações e os questionamentos são fundamentais para a construção dos aspectos históricos. Assim sendo, esse artigo só foi possível através de fontes orais e fotográficas, com coleta e análise de dados como, entrevistas e questionários. Os quais foram aplicados aos participantes (foliões) da Micareta de Iaçú-Ba, cujo objetivo moveu-se no intuito de adquirir informações a respeito da festa e a importância da celebração profana na história da cidade. Os resultados obtidos permitiram verificar que a Micareta possui significativa relevância para a história da cidade e moradores, além de refletir a importância cultural da comunidade.

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a história da Micareta da cidade de Iaçú-BA através da memória de velhos moradores, assim como apresentar e discutir o contexto histórico. As festas populares, na qual inclui-se a Micareta, são consideradas manifestações culturais que atraem o interesse de muitos. A micareta, também conhecida como “carnaval fora de época” se configura como evento popular cultural que, de certo modo, garante a diversão do público, além de promover e movimentar a economia local.

Bakhtin (1987) aponta que as festividades são momentos únicos e, ao mesmo tempo, marcante da civilização humana. Para o autor, não é preciso considerá-las como um produto, mas ressalta que as festividades celebram conteúdos essenciais à luz da identidade cultural humana.

As festividades representam uma das maneiras mais antigas de socialização do mundo. Realizar comemorações é uma prática que pode ser notada em todas as culturas, e em todos os ambientes. Uma dessas festividades é a micareta, festa bastante antiga e alegre, com uma rica história intimamente ligada ao carnaval e ao entrudo. Essas festas de rua, geralmente, proporcionam benefícios a todos envolvidos, desde os que prestigiam o evento.

Partindo desse pressuposto, Bakhtin (1981) refere-se ao carnaval como uma manifestação única de uma grande festa popular, que pode ser definida como “uma forma sincrética de espetáculo de caráter ritual, muito complexa, variada, que sob base carnavalesca geral, apresenta diversos matizes e variações dependendo da diferença de épocas, povos, e

festejos particulares” (BAKHTIN, 1981, p 105). Desse modo, a micareta, conhecida como “carnaval fora de época”, surge como uma festa da cidade de Iaçú, no interior da Bahia.

O surgimento da micareta no Brasil o “mi-carême” segundo a grafia no dicionário Aurélio (1986) é uma festa carnavalesca, cuja origem associa-se a uma festa francesa, no século XV. Sua origem no Brasil se deu em meados do século XIX. Segundo Queiroz (1999), proveniente da França, a mi-carême tinha como costume a quebra do jejum, exatamente na metade do período da quaresma.

Festa que ocorria no meio da quaresma, com a presença de homens e mulheres que escolhiam uma rainha para desfilar, e fazer a Queima do Judas. Essa festa, portanto, está inteiramente associada ao entrudo, que era o antigo carnaval, e era realizado em Portugal. E chega também ao Brasil como Lima revela (...) que o entrudo surge como a primeira manifestação carnavalesca registrada no Brasil, era rotulada como uma celebração dos excluídos, pois era realizado pelos indivíduos anônimos nas ruas, ou seja, por quem vivia à margem da sociedade.

Para Queiroz (1999) a festa “entrudo” era realizada por familiares do mesmo nível social, com característica ao carnaval veneziano. Já em clubes da burguesia acontecia outro evento, festejado entre a classe elitizada. As festas nos clubes, só começaram após a celebração do entrudo. O calendário dessa festa, fora de época era realizado no período da quaresma na tradição de Portugal, e na França.

A introdução da Mi-carême no Brasil se estabeleceu na qualidade de uma festa popular similar ao carnaval, como citado acima, durante o século XIX, com inspiração Europeia, imitando os carnavais de Nice² (França) e Veneza (Itália). A partir desse momento, percebe-se que a Mi-carême foi se expandindo em todo território brasileiro. Entre algumas cidades que esse tipo de festa se realiza podemos citar Feira de Santana e Jacobina, ambas no interior da Bahia. Desse modo, a mi-carême se expandiu por diversas cidades baiana, e junto com sua expansão seu nome ficou popularizado como “Micareta”, segundo o jornal “*O Litador*”³. (1935). O primeiro acontecimento dessa festa profana ocorreu em abril de 1959 na região do Piemonte do Paraguaçu⁴, ou seja, em Iaçú.

² O carnaval de Nice é um evento cultural da cidade de Nice, França. Surgiu em 1294, quando o conde de Provence Charles d’Anjou passou o dia de alegria do carnaval, sendo influenciado pelo carnaval de Veneza.

³ O Litador, 5/5/1935, Bahia.

⁴ caderno_territorial_069_Piemonte Do Paraguaçu- BA.pdf. 08.11.2019.

RECORDAR é PRECISO: RECORDAR é VIVER!

Segundo o Sr. Ananias Almeida Teixeira⁵ a primeira manifestação da festa “micareta” na cidade aconteceu um ano após a sua emancipação política que corresponde ao ano de 1958⁶, sendo assim, a micareta se iniciou em 1959. Nessa primeira micareta Sr. Ananias informou que a população da cidade era pequena como afirmava seus pais. Porém a movimentação foi grande de gente na rua, jovens, crianças e adultos de todas as idades estavam presentes na micareta. Oficialmente a micareta começava na noite de sexta-feira e terminava na noite de domingo, emendando na segunda-feira, sempre no final do mês de abril. O Sr. Ananias é um iaçuense, com 56 anos fotógrafo que sempre acompanhou a micareta desde seu tempo de menino e registrava os momentos dessa festividade com sua câmera.

Vale ressaltar, que as lembranças vividas pelos indivíduos que participavam da micareta, bem como daqueles que só ouviram as histórias contadas por quem as vivenciaram, são relevantes, tem um valor significativo na produção de conhecimento sobre o que diz respeito ao processo histórico da comunidade. A micareta deixou sua história na memória das pessoas tornando inesquecíveis seus anos de celebração. A história e a memória estão vinculadas entre si, Nora (1993) aborda a importância da memória tomada como história, na qual a memória é importante para a reconstrução da história:

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confrontam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. (NORA, 1993, P.9)

Assim sendo, podemos afirmar que a memória é uma relevante fonte de lembranças para o conhecimento de fatos passados, é de suma importância para a história local da cidade. Essa perspectiva colabora com a ideia de que as lembranças nos trazem recordações, principalmente, de pessoas e lugares com os quais tivemos contato em determinado período da vida.

A primeira Praça Jardim Modelo no centro da cidade foi o palco da festa até 1982. Logo após essa data o caminhão de som que era utilizado na época, com os músicos em cima, assim como todo o aparelho musical e trompetes que era conduzido em volta do jardim foi substituído por um trio elétrico em meados de 1970.⁷ O cortejo era realizado na Praça dos Ferroviários,

⁵ TEIXEIRA, Ananias Almeida. 46 anos. **Fotógrafo**. Praça Florentino Reis/125. 11.09.2019.

⁶ IBGE. Elevado à categoria de município, com nome Iaçú, pela Lei Estadual nº 1026, de 14.08.1958.

⁷ Não FOI POSSÍVEL MENCIONAR A DATA PRECISA da mudança do trio devido não ter encontrado nenhum documento na prefeitura relacionado à substituição, NESSE SENTIDO AS fontes orais AFIRMARAM QUE não

onde também foi palco da feira local. A fotografia abaixo representa o Jardim Modelo e o caminhão, vestígios da micareta em 1965.



Fotografia do acervo pessoal do Sr. Ananias A. Teixeira, 1965, Iaqu-Ba

A fotografia trata-se de uma imagem preto e branco que mostra o momento do desfile da Micareta, a imagem pertence ao acervo particular do Sr. Ananias, que foi herdado DE um dos seus clientes. Em primeiro plano, a imagem ilustra um cenário de como a Micareta era conduzida, e como os foliões brincavam através do som que saía de cornetas tocadas em cima do caminhão.

Podemos observar na imagem moças, rapazes bem vestidos, em seus trajes de um dia de festa. Assim, como as crianças presentes. A micareta provavelmente, se deu, em sua tradição pelo fato de que as crianças, sempre fizeram parte dos blocos e festejos que foram levados de geração para geração.

À frente do caminhão tem flores como ornamentos, que mostra a preocupação com a caracterização do cenário. Em terceiro plano na imagem desfocada, há pessoas na esquerda assistindo ao desfile na calçada, tem uma casa também com arquitetura simples de um andar. Igualmente, podemos observar que a foto foi tirada por alguém que avisou, pois, mostra a pose do homem encostado no carro e uma mulher ao lado mais a frente, isso significa que o caminhão estava nesse momento parado sob a luz do dia. A fotográfica é um documento que revela a importância dos espaços onde ocorriam esses desfiles, casas e praças, e os indivíduos envolvidos. Aspectos esses que dão grande relevância para história cultural da cidade.

TÊM recordações de quando o caminhão foi substituído, apenas que aconteceu em meados dos anos 70. SEMPRE JUSTIFICAR!

Sr. Ananias narra, que a “micareta” em Iaçú faz lembrar de lindas recordações dos seus tempos de rapaz, quando se recorda:

“Os blocos saiam na frente, o povo acompanhava atrás com o trio (serenidade) ... só tinha os desfiles com os blocos de danças e as rainhas. Eu me arrumava com fitas... (pausa) amarradas nos braços e nas pernas, colocava enfeites na testa com estrelas brilhantes (risos) ...e a percata calçadas nos braços para não perder!!! (Risos) ...” (TEXEIRA, Ananias. P?. 2019.)

Dentro desse contexto de lembranças, percebemos que para os antigos moradores essas recordações são relembradas ou vistas com um misto de alegria, tristeza e muita saudade. Porém a fantástica capacidade de guardarem em suas memórias os acontecimentos sobre a festa, será lembrada a vida toda, assim como o dito “recordar é viver”.

Segundo Sr. Ananias as manifestações tinham um caráter totalmente popular, pois não existiam cordas que separavam as pessoas de acordo com o seu poder aquisitivo e a participação do caminhão, nem quando o mesmo foi substituído pelo trio elétrico.

A cidade foi crescendo os espaços de sociabilidades também, de acordo com Thompson (1990. P. 14); citado por Liliane de Jesus Oliveira⁸ (2013); “[...] as festas tornaram-se parte de um verdadeiro ritual de confronto entre o antigo e o novo”. Dessa forma, **nesses** locais podem ocorrer mudanças ao longo do tempo, porém as tradições podem ser mantidas, mesmo quando reconfiguradas. A micareta dava a cidade um ar de tradicionalismo que podia ser percebido como uma alternativa à tendência homogeneizante da cidade de acordo com as fontes orais.

Ainda segundo o Sr. Ananias, vinham pessoas de toda parte para contemplar e participar desse grande evento. Havia uma pluralidade de pessoas que predominava nesse ambiente, ou seja, pessoas de classe pobre, e também pessoas com poder aquisitivo melhor. Todos participavam e patrocinavam a festa.

“Uma das micaretas que mais marcou minha vida, foi em 1990... devido a tradição da festa (pausa). Porque teve muitos blocos que desfilaram, foi uma alegria só na cidade!! Veio gente das redondezas viu (eufórico) ... Rapaz a cidade lotou... tenho muita saudade dessa época de verdade mesmo. [...]. Em 1982 aconteceu também uma micareta assim que contou com a participação de todos os municípios vizinhos.... e o prefeito na época fazia uma batida de amendoim que era famosa demais!! Ele fazia e distribuía para os foliões que gostavam, essa batida vazia era sucesso. (ALMEIDA, Ananias 11.09.2019).

Diante dos depoimentos acima posso dizer, que a micareta na cidade de Iaçú, sempre foi muito frequentada por foliões. A festa atraía gente das regiões vizinhas como Nova Itarana⁹,

⁸ LIMA, Liliane de J.O. *Festas e festejos para além da mistura: encontros, desencontros, sociabilidade, solidariedade e resistência*. XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH. 2013. P.1.

⁹

Cidade do Estado da Bahia, a 82km de distância da cidade de Iaçú.

Itaberaba¹⁰, Rafael Jambeiro¹¹, Itatim¹², Milagres¹³, Santa Terezinha¹⁴ Macajuba¹⁵, Ruy Barbosa¹⁶ e Marcionílio Souza¹⁷, segundo fonte oral. Os foliões agitavam e coloriam as ruas, praças com os blocos e pessoas de todas as camadas sociais. A batida de amendoim significava uma tradição criada pelo prefeito, que talvez praticasse esse ato por motivos eleitorais ou por pura vontade própria em prestigiar o evento profano com bebida como acontecia no Entrudo.

Segundo o autor Fressato apud Lima (2013) “[...] permite problematizar a influência mútua entre as manifestações populares e hegemônicas, perceber a imprecisão de suas fronteiras, sugerindo, assim, um fluxo regular de interações entre elas”. As festas populares, nesse sentido, são carregadas de simbolismo que são transmitidos, ao longo do tempo. Esses momentos de folia, alegria e festança, aconteciam e eram muito importantes de maneira que determinavam uma relação cultural entre esses indivíduos. Podemos perceber esse fator através do depoimento, a seguir, de Dona Jaira Souza Santos¹⁸. Uma mulher negra, alegre, e natural da cidade de Iaçu, filha de ferroviários, sempre participou junto com seus pais da Micareta.

“Era uma festa muito boa, todos se divertiam...vinha muita gente de fora. Os trios andavam a cidade toda!! Na época o prefeito colocava a famosa batida na rua, ninguém comprava não!! Era para todos tomarem de graça!! Briga não tinha... naquela época todos dançavam na coletividade ... Todos harmonizados, sem brigas. Eu sinto muita falta da micareta que tivemos na nossa cidade... tinha a micareta, depois tinha o aniversário da cidade... o que mais me marcou na micareta foi quando minha mãe se levantou a noite e foi atrás do trio para ver o cantor Edson Gomes... (emocionada...) Sinto falta da micareta da minha cidade (triste) ... Foram matando a tradição aos poucos... até que acabou” sinto falta da micareta da minha cidade!! Sinto mesmo. Foram anos maravilhosos... a única coisa que posso lhe dizer é: Hô tempo que não volta mais!!”. (SOUZA, Jaira 15.09.2019).

Despertava grupos, foliões dos mais variados tipos, e colocava até as senhorinhas a se levantar a noite da cama para se divertir na micareta. No depoimento acima, podemos perceber que os momentos da micareta são recordados como “momentos de folia”, e estavam presentes em boa parte da população iaçuense. Todo espaço ou lugar possui uma significação, assim as micaretas definiam uma identidade acerca do que era considerado como práxis no cotidiano da cidade.

¹⁰ Cidade do Estado da Bahia, a 31km de distância da cidade de Iaçu.

¹¹ Cidade do Estado da Bahia, a 116km de distância da cidade de Iaçu.

¹² Cidade do Estado da Bahia, a 67,9km de distância da cidade de Iaçu.

¹³ Cidade do Estado da Bahia, a 46.1km de distância da cidade de Iaçu.

¹⁴ Cidade do Estado da Bahia, a 87,8km de distância da cidade de Iaçu.

¹⁵ Cidade do Estado da Bahia, a 96.8km de distância da cidade de Iaçu.

¹⁶ Cidade do Estado da Bahia, a 69.2km de distância da cidade de Iaçu.

¹⁷ Cidade do Estado da Bahia, a 51.4km de distância da cidade de Iaçu.

¹⁸ SANTOS, Jaira Souza. 50 anos. Funcionária Pública. Rua Getúlio Vargas/101. 15.09.2019

Tal como, podemos observar, a foliã apresenta uma recordação do passado com influência do presente. Esses momentos de lazer relatados pela Sra. Jaira Souza proporcionam segundo Lima (2013) “[...]uma relação entre a população e os demais grupos sociais, nos quais era possível tecer laços de sociabilidade e solidariedade que viabilizavam auxílios e acordos, algo essencial para abrandar as asperezas da vida cotidiana, e a possibilidade de circulação dos significados, devido aos fatos lembrados, estes podem alterar-se de acordo com o momento em que estão sendo revisitados na Memória”.

NA MESMA LINHA DO TEMPO: FOLIA E FESTA!

Quando falamos em festas populares, surgem saberes peculiares que atravessam muitas existências das comunidades em suas práticas simbolizadas nas músicas, nos ritmos dançantes e na caracterização das roupas. Ao passo que a micareta acontecia, os blocos também faziam parte da festa e animavam os foliões. Sra. Janildes Luz Santos¹⁹, minha outra fonte oral, uma mulher muito carismática natural da cidade de Iaqu, negra, professora, participava ativamente da Micareta. Uma das componentes e líder do Bloco Bárbaros do Morro.

Segundo Sra. Janildes, a festa tinha alguns blocos muito importantes que desfilavam no pré ritual, ou seja, antes de dar início oficialmente a festa. O “Bloco Bárbaros do Morro” que até hoje ainda existe, (na qual ainda é integrante) o “ Bloco Flor de Cactos” e “Bloco Energia” um bloco da cidade de Feira de Santana. Assim a professora e foliã Sra. Janildes em seu testemunho declarou:

“Minha turma era ativa... (risos) Era uma época em que todos da cidade participavam e o uso de drogas era bem pouco... (séria) ... Desde os 13 anos de idade que já participava da micareta... sempre ia acompanhada de uma pessoa mais velha... (risos) eu e minha turma. Tinha que ter uma pessoa responsável para levar nós... (empolgada) O negócio era ir para se divertir!! Não para namorar!! ... (muitos risos...). Meu grupo se apresentava todos os anos... na época não tínhamos dinheiro para comprar roupas a caráter para ir ... então nós fazíamos gincanas, pedia patrocínio nos mercados aos vereadores... tudo era para comprar tecido para fazer as roupas do desfile. Eu ia comprar em Salvador, porque lá ia visitar o bloco Ilê para copiar as roupas deles que a gente não era bobo!!!! (risos) ”. (SANTOS, Janildes L.2019).

¹⁹SANTOS, Janildes L. 55 anos. Professora. Coordenadora Pedagógica. Rua Lauro de Freitas,09. Em 10.09.2019.

É com essa fala descontraída que a professora Janildes nos relata como festejava a micareta e como esse momento era aguardado nas ruas iaçuenses. Durante a entrevista, mergulhava em uma emoção, e às vezes em silêncio- talvez para recordar a memória- e voltava a narrativa alegre e entusiasmada por um sorriso radiante.

Ao passo que, as lembranças eram extraídas da memória, a micareta parecia ganhar vida diante dos seus olhos. Assim, as perguntas de uma pesquisadora catalisam o processo. E dos recantos da singela memória ecoavam os risos, e mais uma vez parecia que a Sra. Janildes estava no cortejo da folia. De alguma forma, a festa que não estava mais nas ruas, desfilava nas ruas da sua memória.

A vista disso, fica nítido que os festejos da Micareta era uma data esperada por todos, um momento de puro lazer e diversão identificados durante sua realização. A participação dos foliões como dona Janildes demonstra que a festa é espaço de sociabilidade e trocas de experiências. Segundo Miranda²⁰ (2009.pg.302) "(...) Uma das principais características da festa é a sociabilidade. É no espaço das comemorações que as relações sociais se entrelaçam e se aguçam".

A micareta em Iaçú era um encontro entre a fantasia e o real. Pois os foliões deixavam-se levar pela magia de saírem vestidos a caráter. Pode ser entendido como um lugar de criação de modos de festejar, viver a vida, esquecer das dificuldades encontradas no cotidiano. Uma festa de sociabilidade, de rir, de dançar de contato social.

Além dos blocos, havia os foliões que saíam fantasiados com máscaras. Essa festa fora de época era como um grande evento, aguardado por todos. Vinham pessoas dos municípios vizinhos “todos”, segundo o Sr. Ananias Pereira²¹, a mistura desses sujeitos caracterizavam a festa. Na micareta é observado não só o fazer artístico, mas também as relações sociais que perpassam pela sua realização, traduzem a manifestação do pensar, do fazer e do sentir da individualidade de um povo. Peter Burke²², na Europa o carnaval moderno era analisado a partir de narrações de andantes, logo nota-se que as máscaras e as fantasias eram frequentemente usadas por essa celebração. “Sendo muito comum também os homens se vestirem de mulher e as mulheres de homem”.²³

²⁰.MIRANDA, Carmélia Aparecida. Devoção e Diversão na festa de são Benedito em Tijuaçu-Ba. In: NANBLUME, 2009.

²¹ TEXEIRA, Ananias Almeida. 46 anos fotografo. Praça Florentino Reis/125. Em 11.09.2019.

²² BURKE, Peter. Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500 a 1800. Pag. 207.

²³ BURKE, Peter. Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500 a 1800. Pag. 207.

Deste modo, esses elementos são característicos da festa profana em Iaqu. Ao narrar as suas memórias em relação às vestes da micareta o Sr. Ananias ressalta que homens costumavam travestir-se de mulher e as mulheres de homem causando espanto em alguns foliões, pois, fugiam da regra do comportamento habitual, enquanto outros gostavam dessa troca de valores e aproveitavam para se divertir. Isso retrata o típico ritual de inversão presente nas variadas descrições sobre festa profana. De acordo com Burke, o carnaval moderno era uma representação do mundo virado de cabeça para baixo, uma época de desordem institucionalizada, um conjunto de rituais de inversão²⁴.

Um processo de relações que tinha um papel fundamental naquela época. Pois estabelecia laços de sociabilidade, que remete a inserção da ordem social de todas as camadas sociais naquele período. Podemos dizer que a festa é um acontecimento de lazer, um espaço onde há liberdade para demonstrar seus sentimentos, solidariedade, expressar suas emoções...dançar, brincar e claro mostrar seus costumes, aspectos identificados nos depoimentos das fontes orais.

A micareta é evento aguardado por todos, um acontecimento de puro lazer e diversão. Que só era possível com a participação do povo. Juntos faziam a festa realmente acontecer. Os momentos de lazer eram de uma notável importância e significado naquela pequena cidade, pois:

“Uma das principais características da festa é a sociabilidade. É no espaço das comemorações que as relações sociais se entrelaçam e se aguçam. [...]. Nesse espaço também se encontram o sentido da religiosidade e da solidariedade e ainda as demarcações específicas e diferença entre os indivíduos e os grupos. (MIRANDA, 2009: 302)

Realmente a festa oferecia momentos lúdicos, para festejar a vida e sorrir de si e do outro, sendo eles momentos característicos religiosos ou profanos, esses dois mundos se encontram. Santos (2010) dentro do mundo onde todos podem se socializar sem se importar com cor, raça ou classe social, o objetivo era brincar.

Em muitos dos depoimentos, todos os indivíduos contam suas lembranças, e parecem reviver aquele momento. Chega a se emocionarem. Uma festa segundo eles, “todo mundo na micareta eram amigos”.²⁵

²⁴ BURKE, 1987.

²⁵ Lucineide Pinheiro Farias, 45 anos. Professora. Folião. Travessa Manoel Santana, 168. Iaqu-Bahia. Em 15.09.2019.

O importante era festejar a Micareta. No entanto, para alguns foliões como Dona Guiomar ²⁶, entrevistada idosa, natural de Iaçu, negra e aposentada, participar da festa significava coisas diferentes:

“Eu gostava muito quando chegava a festa da micareta... Zú e eu, ia para Iaçu no sábado de manhã e só voltava no por do sol (carismática). Nós encontrava os amigos e meu cunhado Zeca, e ia todo mundo pra venda!! Hôoo tempo bom meu Deus! Porque nós tomava uma cerveja danada... eu gostava de tomar Pitu (risos). Eu e Zú não ia pra rua pular nada!! Ficava era na venda bebendo e prozando, que nós não era besta. Pra mim a festa era na venda, junto com meu marido e amigos. Eu gostava... depois Zú ficava bêbado e eu não... nós voltava pra casa com a feira. (FARIAS, Guiomar. 16.02.2020).

Podemos perceber, que para Dona Guiomar a micareta representava outros significados, sendo que para ela, era apenas ir na venda... um jeito de festejar a vida, dentro da festa, porém sua festa era ao lado dos amigos e marido. Na venda todos se encontravam, conversavam. Certamente, a micareta implementou festejos e brincadeiras aos indivíduos, “significando coisas diferentes para diferentes pessoas” Burcke (1989. P. 21).

Dessa maneira a depoente deixa claro que a venda era um espaço de conversas, divertimentos, enquanto muitos estavam pulando a micareta. Esperar chegar o período da micareta para ir até a venda era um momento de prazer, com significados marcantes. Ainda em sua entrevista, havia laços familiares quando se falava em micareta, devido o costume de se encontrar com o seu cunhado e amigos. Ou seja, um espaço onde criaram práticas, e um ambiente propício as relações de amizade.

Enquanto os blocos vão se apresentando, com suas máscaras de diversas caracterizações pelas ruas e suas fantasias para alegrar as tardes de Iaçu, Dona Guiomar se divertia na venda.

Em vista disso, conseqüentemente na micareta em Iaçu todos os foliões já tinham uma forma de se divertir de maneira diferentes. Para dona Guiomar, festejar a micareta era está na venda, onde poderia demonstrar seus sentimentos e emoções durante a festa.

De certo, as festas fazem parte do mundo da representatividade, são livres e diversos aspectos que caracterizam a festa. Possibilitam a elas a singularidade. Pois, há sujeitos com distinções raciais, sociais e culturais diferentes.

²⁶ FARIAS, Guiomar Pinheiro. 90 anos. Agricultora, aposentada. Foliã. Fazenda Caatinga Velha. Zona rural. Iaçu-Bahia. Em 16.02.2020.

MICARETA: FESTA DO POVO?

A princípio o que nos interessa do passado? A história sem dúvida. Quando voltamos nossa visão para a história procuramos focalizar no que nos interessa, nos emociona, nos intriga e aguça a curiosidade, é assim que a história nos interessa. Sempre buscamos compreender e analisar o que nos tira do eixo e nos coloca em movimento em busca de conhecer melhor a história. Portanto, Os ritos para comemoração da mais importante festa profana de Iaçú, situado no estado da Bahia durante a segunda metade do século XX é que nos chama a atenção para sua história. Desde sua organização e o momento da festa aparecem aqui como um grande ritual revelador de práticas sociais: relações do povo para o povo, carregado de tradições e sentimentos.

Em conversas informais e nas entrevistas com as pessoas da cidade de Iaçú percebi que, para o povo do lugar, a micareta realizada em sua comunidade não era apenas ritos festivos, para essas pessoas e em especial para as mais velhas que viveram o auge desses festejos as festividades caracterizava-se como elemento propulsor da cultura dentro da comunidade.

Desta maneira, é a história das fantasias e risos, da música que marcou a vida de indivíduos Iaçúenses que movimenta esse trabalho, os ritos gerados pela micareta. Era no centro da cidade que a festa e o desfile acontecia, lugar de confronto, conflitos, movimento e alegria no qual desfilavam os carros alegóricos com o que lhe era possível na época, os indivíduos com máscaras, e o principal "seu sorriso no rosto". Aqui temos uma bela imagem como registro dos foliões durante a micareta.



Fotografia do acervo pessoal do Sr. Ananias A. Teixeira, 1980, Iaçú-BA

A fotografia de cunho pessoal de Sr. Ananias releva a diversidade étnica da festa. Misturas étnicas entre índio, negro e branco resultaram em um conjunto etnográfico comum no

Brasil com suas tradições. Em primeiro plano podemos notar o sorriso no rosto dos foliões e constatar que a festa era um lugar para esquecer um pouco das mazelas da vida, um espaço de alegria.

Assim, podemos observar na imagem também uma figura masculina com vestimenta feminina, e mulheres a rirem talvez da situação, algo normal até porque essa era a intenção dos foliões, causar impacto e comédia a todos ali presentes, pois, carnaval é lugar da inversão da ordem.

Quando Peter Burke, analisa o carnaval na Europa moderna observa que as máscaras e as fantasias completas eram frequentemente utilizadas nesse acontecimento. "Sendo muito comum também os homens se vestirem de mulher e as mulheres de homem" ²⁷.

Em segundo plano, temos a representação do coletivo pausada pelas lentes da câmera fotográfica que apresenta a imagem como mensagem, um vestígio através do tempo, tanto imagem como documento (LE GOFF, 2000)²⁸, assim essa fotografia é um documento, uma fonte de pesquisa, visto que "o estudo da história social é um dos meios fundamentais de abordar os acontecimentos do tempo e da história"²⁹. Portanto, a foto de acervo pessoal do Sr. Ananias nos revela o vestígio, a festa de fato com toda sua euforia.

Nesse sentido, podemos ver que a micareta não é apenas uma comemoração de cunho artístico, mas de relações sociais que transmitem a comunicação, a expressão do pensar, do fazer e do sentir característico de um povo.

A micareta é espaço de sociabilidade entre pessoas de todas as classes sociais. Minha testemunha seu Florêncio Sena³⁰ esclarece:

"A micareta era boa, tinha gente que usava era mascara pra ir, e tinha homem que se vestia de mulher (risos)... mais ficava era feio viu (mais risos). Tinha homem e mulher que ia tudo de cara pintada com fantasia e máscaras... e tinha gente de todo tipo de careta também (muitos risos)... Agora ia gente de todo canto menino! Nunca vi tanta gente junto com tanta careta na cara. Quando ia chegando o mês da festa a cidade já ia se animando toda".

Deste modo, Sr. Florêncio esclarece que as máscaras ou caretas, como eram chamadas, sempre tiveram seu lugar de destaque. Podemos notar, então que a máscara era um símbolo

²⁷ BURKE, Peter. Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500ª 1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.207.

²⁸ LE GOFF, Jacques. Documento: Monumento In: __. História e Memória. Vol.II Lisboa:Ed.70, P.103-109.

²⁹ IDEM.

³⁰ SENA, Florêncio. 70 anos. Aposentado. Rua João Amaro. 10.07.2021.

dessa festa profana, pois, a micareta é uma festa onde os foliões vão caracterizados com suas máscaras e fantasia. Segundo ao autor Terry Castle³¹ escrevendo sobre as máscaras londrinas do século XVIII, aborda que as máscaras atraíam a atenção das pessoas que participavam da festa pelo fato dela permitir uma fuga de si mesmo, uma válvula de escape de sua rotina diária. Assim sendo, as máscaras eram uma fuga da vida cotidiana. Para os foliões, seu uso era uma peça chave para caracterização do rito.

Um dos objetivos da utilização das máscaras entre os foliões era realmente a ocultação de identidade: "(...) o povo lá do bairro do monte só ia de máscara oxe...ninguém nem conhecia quem era quem... era uma careta feia demanda, tinha mulher que ficava bonita porque coloca a máscara só aqui nos olhos..."³². E com a máscara sobre a face para essa junção de pessoas, significava justamente a mistura de identidades transbordado em felicidade e euforia. Ainda Terry Castle considera a manipulação da aparência nos variados eventos que utilizam máscaras, como uma possibilidade de fuga de si próprio e uma sugestiva revisão das experiências da rotina³³. Portanto, para os foliões de Iaçú a fantasia mascarada funcionava como uma ferramenta essencial, um mecanismo simbólico no qual o comportamento sufocado encontrava liberdade representativa.

A TRADIÇÃO

A historiadora Mary Del Priore esclarece que os relatos de viajantes busca compreender as celebrações festivas do Brasil colônia considerando a festa como fato político, religioso e simbólico. Em sua análise sobre o universo simbólico desses ritos "A festa começava pelo desfile de símbolos: as máscaras, os arautos, as bandeiras, o mastro, a decoração das ruas e os foguetes"³⁴. Portanto as máscaras e fantasias faziam parte dos foguetes coloniais fossem eles religiosos ou profanos que buscavam atrair e seduzir a população para as celebrações do culto festivo a fim de garantir público tanto para os espetáculos simbólicos³⁵. Deste modo, fica claro que as atividades dos participantes da micareta se voltam para a representação da existência de um grupo, ocasionando na revelação de seus traços culturais e a tradição da festa.

³¹ CASTLE, Terry. A Cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII. In. (orgs). RAUSSEAU.G.S.e PROTER. Submundo do sexo no Iluminismo. Roy. Rocco, Rio de Janeiro.1999.

³² SENA, Florêncio. 70 anos. Aposentado. Rua João Amaro. 10.07.2021.

³³ CASTLE,1999.

³⁴ DEL PRIORE, pag. 41.

³⁵ IDEM.

Os traços culturais são reveladores de tradições como a queima do Judas³⁶, que era a queima do boneco feito com palhas e espuma. De acordo, com Julio Caro Borroja citado por Benoit Goudin³⁷ (2000, p. 47-48), " *Na península ibérica, a Quaresma era simbolizada por uma velha senhora feia, magra e comprida como um tempo de abstinência. A analogia com o período magro se estendia até a anatomia da velha, representada por um boneco de sete pés*". A tradição era queimar o boneco sempre acompanhado de parodias da vida cotidiana, havia um testamento que satirizava a lógica ordinária das coisas fazendo a relação entre o rico e o pobre, onde era proferindo expressões de humor, contendo em suas palavras uma crítica social e as vezes pessoal também. A queima acontecia sempre aos sábados de aleluia. Ainda segundo João Carlos Sebe (apud Benoit Goudin, 2000.p 48) "*a existência da festa, cuja inspiração "está ligada à dramatização de uma velha, que seria serrada entre gritos e uivos do público em geral"*" (Sebe, 1986, p. 85).

E como tradição a micareta de Iaqu cumpria com a sua, realizando assim a queima do judas. Apareciam foliões de todos os cantos da cidade, os vários grupos sociais reuniam-se com o grande boneco, a estrela da festa todo caracterizado, nessa noite aguardada por todos o convidado principal era satirizado com a vida alheia dos indivíduos iam declamando com muito fervor um testamento que dizia sempre coisas da vida comum do povo. Segundo seu Florêncio. Sena.³⁸

"O que eu mais gostava da micareta era da queima do Judas! (alegre), oxe eu não perdia por nada... era queimado na rua da estrela, mais antes de queimar nós andava a cidade toda o carro de som ia falando o que o Judas tinha deixado um testamento(risos)... Era bem |assim: --O judas morreu não teve o que deixar, deixou uma camisa rasgada pra fulano usar... e assim ia ... era coisa que saia viu, (risos)... Era minha tradição em toda páscoa!"

No imaginário dos foliões a queima do judas ficou sacralizado pela sua própria queima. Sua queima é interpretada como vingança ao traidor de cristo. Durante a celebração é um momento que segue o ritual, desde o fazer até o ato da queimação, tudo isso ao mesmo tempo representa os contatos com o mundo e com o que é sagrado.

³⁶ **Malhação de Judas** ou **Queima de Judas** é uma tradição vigente em diversas comunidades católicas e ortodoxas que foi introduzida na América Latina pelos espanhóis e portugueses. É também realizada em diversos outros países, sempre no Sábado de Aleluia, simbolizando a morte de Judas Iscariotes.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Malha%C3%A7%C3%A3o_de_Judas. 10.08.2021

³⁷ GAUDIN, Benoit. Da mi-carême ao carnabeach- história da(s) micareta(s).Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo.2000. (p. 47-48).

³⁸ SENA, Florêncio. 70 anos. Aposentado. Rua João Amaro. 10.07.2021.

Percebe-se que a memória individual, particular de cada um serve de contribuição para a recuperação da memória, como se recorda minha fonte oral. Partindo dela, ou mesmo de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas, atingindo momentos passados que já tenham desaparecido, servindo de leitura para o presente, contribuindo também no resgate da identidade de um lugar, assim como de eventos passados (ABREU, 1998). Fica claro que evidente como as memórias da fonte ainda permanecem vivas na tradição da queima do Judas como se fosse ocorrido em dias anteriores bem recentes.

Para Nora (1993, apud SANTOS, 2011), a memória, seja ela coletiva ou individual, é sempre seletiva, porque as pessoas só se lembram daquilo que querem se lembrar, o que faz da memória “parcial, descontínua e vulnerável a todas as utilizações e manipulações”. O autor enfatiza que a memória costuma selecionar de acordo com os interesses. Assim, neste artigo a memória dos moradores com relação a micareta do passado é um resgate das lembranças que podem ser confrontadas com o presente.

FIM DA MICARETA

Em abril de 1990 aconteceu a última micareta da cidade. A data tão esperada por todos agora só seria lembrada nos recantos da memória.

Todos os foliões da cidade e das regiões vizinhas esperavam, preparavam-se para a festa durante o ano todo, no entanto, acontecia um outro evento na cidade que também atraía muitas pessoas que era "o aniversário da cidade"³⁹. Uma festa compartilhada também por todas as camadas sociais e assemelhava-se ao próprio micareta, pois, contava com o trio elétrico e apresentação de blocos de ruas. Assim a micareta entra em declínio dando lugar a comemoração do aniversário da cidade. A substituição da micareta por uma única festa, foi devido essa semelhança e também pela administração municipal que, no decorrer dos anos não teve interesse em dar continuidade a festa profana.

Sendo assim, a comemoração do aniversário da cidade foi ganha destaque e a micareta perde sua tradição. Mesmo sendo uma festa esperada por todos.

Hoje a micareta é uma recordação de um passado repleto de alegria dos dias em que funcionava como uma válvula de escape do cotidiano.

³⁹ Oficialmente o aniversário da cidade de Iacu é 14 de agosto. Sua emancipação política foi em 14 de agosto de 1958. Cep:46860-000. <https://www.iacu.ba.gov.br/site/dadosmunicipais>.

A entrevistada Jaira Souza⁴⁰ nos relata em suas lembranças a falta que a festa faz.

“Quando eu comecei a ir pra festa eu era acordada de manhã cedo. O trio acordava todo mundo!! (alegre). Depois com a mudança de prefeitos e com a festa de aniversário da cidade a micareta acabou. O último ano que aconteceu foi em 1990, me lembro bem. Acabou porque a nossa micareta, foi substituído pelo aniversário da cidade[...] Mas a micareta era melhor que o aniversário da cidade, que hoje nem isso existe mais”. (Jaira, Souza. 15.09.2019)

A fala desapontada da depoente demonstra seu desapontamento pelo fato da festa ter chegado ao fim e por não haver um sucessor que levasse o festejo adiante. E selecionando o que mais lhe deleita nas vias do passado, sua narrativa tem a marca do saudosismo que revela um sentimento de tristeza direcionado a micareta que desapareceu das ruas da cidade. Seu depoimento parece querer reafirmar o clima da festa era alegre e pacífico, transformados em felicidades. Uma questão bastante enfatizada na fala dos entrevistados desde o começo entrevista, se referem pela maneira como a festa aconteciam, a tranquilidade e inocência dos que brincavam dia e noite pelas ruas. Dessa forma, nota-se que a micareta teve grande importância na cidade, tanto na parte cultural como social.

CONCLUSÃO

O questionamento que norteou este artigo foi a inquietação em compreender como os sujeitos da cidade festejavam a micareta. A curiosidade foi meu guia para desvendar a tão falada festa que movimentava a cidade segundo entrevistados. Momentos de lazer como a micareta gera fatores de socialização entre as pessoas, uma vez que a interação enriquece os costumes e tradições de ambas as partes, principalmente, dos membros que vivem esse momento fervoroso, e, ao mesmo tempo, prazeroso. A prova disso está explícito nos depoimentos dos foliões, entrevistados para a conclusão dessa pesquisa, que tem a micareta de Iaçú como um grande marco histórico.

O principal, objetivo do artigo foi compreender, através da memória a estrutura e os significados da micareta para os moradores do município de Iaçú- Ba. Percebeu-se que tais

⁴⁰ SANTOS, Jaira Souza. 50 anos. Funcionária Pública. Rua Getúlio Vargas/101. 15.09.2019

significados foram diversos para cada indivíduo, participante ou não, apreendeu de forma distinta os sentidos dessa celebração profana que já não é mais comemorada, no entanto é desejada por grande parte do povo da comunidade Iaquense.

Também se faz importante destacar que o ato de lembrar das pessoas é que torna o fato lembrando significativo, por mais que as formas de lembrar não sejam as mesmas a significação da lembrança para a coletividade diz muito sobre o fato que está sendo rememorado.

Através da pesquisa também foi possível descobrir como a festa era realizada, identificar laços culturais e religiosos. Descobrir nas narrativas dos moradores aspectos da festa que foi muito mais que relatar a história de uma festa. Significou a história da vida de cada um que teve a oportunidade de alçar a festividade. Porque este trabalho preocupou-se em buscar os fatos relevantes da micareta, desde seu surgimento até seu término, para não deixar que caia no esquecimento das pessoas, visto que era um dos principais meios de diversão na época. Com isso, outras pessoas passarão a ter conhecimento dessa festa profana que já se acabou.

Também é justificável a necessidade da pesquisa para a historiografia Baiana, pois, é uma festa que não existe mais, corre-se o risco de ser esquecida com o passar do tempo. Sendo assim, o a motivação é fazer com que os que não tiveram a oportunidade de participar da festa, possam interpretar a micareta como reflexo, uma contribuição ativa à criação de uma imagem da vida cultural local. Mesmo que essa imagem não tenha sido idealizada por eles mesmos, mas sim pelos que vivenciaram.

FONTES FOTÓGRAFICAS:

ALMEIDA, Ananias Almeida. Álbum de lembranças da Micareta em Iaqu. 1980.

FONTES ORAIS:

TEIXEIRA, Ananias Almeida. 46 anos. **Fotógrafo**. Praça Florentino Reis/125.

SANTOS, Janildes L. 55 anos. Professora.Coordenadora Pedagógica. Rua Lauro de Freitas,09.

FARIAS, Lucineide Pinheiro, 45 anos. Professora. Folião. Travessa Manoel Santana, 168. Iaqu-Bahia.

SANTOS, Jaira Souza. 50 anos. Funcionária Pública. Rua Getúlio Vargas/101.

SENA, Florêncio. 70 anos. Aposentado. Rua João Amaro SN. Iaqu-Bahia.

FARIAS, Guiomar Pinheiro. 90 anos. Agricultora, aposentada. Foliã. Fazenda Caatinga Velha. Zona rural. Iaqu-Bahia.

GONÇALVES, Maria Pinheiro. 65 anos. Costureira, aposentada. Foliã. Rua da Estrela. Iaqu-Ba.

SILVA, Ivani Santos. 68 anos. Aposentada, agricultora. Foliã. Zona Rural. Iaqu- Ba.

REFERÊNCIAS:

BARHTIN, Mikhail. *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*. ed. Universidade de Brasília. São Paulo.1987.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo. Comp. Das Letras, 1989.

CASTLE, Terry. *A Cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII*. In. (orgs). RAUSSEAU.G.S.e PROTER. Submundo do sexo no Iluminismo. Roy. Rocco, Rio de Janeiro.1999.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*.3ª.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FRY, P.; CARRARA, S.; MARTINS-COSTA, A. L. *Negros e brancos no carnaval da Velha República*. In: REIS, J. J. (Ed.) *Escravidão e invenção da liberdade – estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GAUDIN, Benoit. *Da mi-carême ao carnabeach- história da(s) micareta(s)*.*Tempo Social*. Rev. Sociol. USP, S. Paulo.2000.

LE GOFF, Jacques. Documento: Monumento In:__. *História e Memória*. Vol.II Lisboa:Ed.70, P.103-109.

IBGE. Elevado à categoria de município, com nome Iaçú, pela Lei Estadual nº 1026, de 14.08.1958.

LIMA, Liliane de J.O. *Festas e festejos para além da mistura: encontros, desencontros, sociabilidade, solidariedade e resistência*. XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH. 2013.

MIRANDA, Carmélia Aparecida. *Devoção e Diversão na Festa de São Benedito em Tijuçu-Ba*. In: Capítulos de História da Bahia- São Paulo: ANABLUME .2009.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Programa história. Ed dep. De história USP. 1993.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. In: Revista Projeto História, São Paulo, n. 15, abril de 1997, p. 13-33.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo, Ed. Brasiliense. 1999.

RANGEL, Maitê dos Santos. *Entre cordas e Batucadas: festas de Momo, urbanização e ideias de modernidade e Santo Antonio de Jesus 9 1930-1950)*. Dissertação de Mestrado, 2010.

SAMUEL, Raphael. *História Local e História Oral*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 9, n. 19. Set-fev. 1989-1990, p. 219-241.

TANAJURA, Leonara Xavier. *Que som é esse que se houve? Memórias do cordão da Miscelânea: Ruy Barbosa –BA 1942-1990*. Monografia para conclusão do curso plena em história. Universidade Estadual do Estado da Bahia. Iacu –Ba. 2012.

Site:

<https://www.iacu.ba.gov.br/site/dadosmunicipais>.(acessado em 17.11.2021).

